

Comunidade internacional felicita FH e jornais estrangeiros destacam eleições

Nos EUA, 'New York Times' noticia a vitória do presidente na primeira página

Reprodução

• A comunidade internacional felicitou ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso por sua reeleição, noticiada com destaque na imprensa de muitos países. Joe Lockhart, porta-voz da Casa Branca, disse em Washington que a vitória de Fernando Henrique indica o apoio dos brasileiros à reforma econômica.

— É importante para eles (brasileiros) darem continuidade às reformas — afirmou Lockhart.

Com direito a foto na primeira página, o "New York Times", um dos jornais mais influentes dos EUA, afirmou que a vitória fácil do presidente em meio à crise econômica respalda medidas amargas que ele está sendo pressionado a tomar.

Segundo o "New York Times", mesmo tendo perdido US\$ 30 bilhões de reservas desde o colapso da Rússia, em agosto, e com as bolsas em baixa de mais de 40% este ano, o Governo brasileiro quase parou por causa das eleições. Para o jornal, as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) esbarram na "incapacidade do país de mostrar progresso nas mudanças estruturais que reduziriam os gastos públicos no longo prazo".

Menem conversa três minutos por telefone com o presidente

O "New York Times" descreveu peculiaridades nas eleições brasileiras: longas filas para votar, candidatos em campanha mesmo com as urnas abertas, a Rocinha coberta de santinhos e a dificuldade de idosos para usar as urnas eletrônicas.

Em telefonema de três minutos, domingo à noite, o presidente da Argentina, Carlos Menem, disse a Fernando Henrique:

— Estou muito contente e vou fazer um brinde por este triunfo que nos dá a segurança de que o Mercosul vai continuar crescendo e se consolidando.

Menem, que criticara duramente Lula e anunciara seu apoio a Fernando Henrique, afirmou ao

A REELEIÇÃO NO "NEW YORK TIMES": previsão de medidas amargas no Brasil

presidente que esta semana, na Assembleia Anual do Fundo Monetário Internacional, em Washington, incluirá em seu discurso um parágrafo sobre "o grande trabalho do Brasil para solucionar seus problemas econômicos".

Na imprensa argentina, a reeleição do presidente ganhou a pri-

meira página dos principais jornais e até ofuscou a notícia do suicídio de um dos envolvidos num dos principais escândalos de corrupção do país. "Rotundo triunfo de Cardoso no Brasil", anunciou o tradicional "La Nación". "Depois de prometer mais ajuste (fiscal), impostos mais altos e tempos difíceis, Cardoso te-

ve uma vitória convincente", disse o "La Nación". O "Clarín" exibiu o título "Brasil: Cardoso ganha a reeleição" e o "El Cronista", especializado em economia, saiu com a manchete "Cardoso ganhou com 51%, mas Malan quer lançar um plano gradativo".

O primeiro-ministro de Portugal, Antonio Guterres, enviou mensagem de felicitações pela "excelente vitória" que "contribuirá para continuar a estreitar mais os laços dos dois povos irmãos, assim como a cooperação política" entre os dois governos.

Jornal cubano fez análise sobre as eleições no Brasil

O jornal venezuelano "El Nacional" exibiu o título "Inferno econômico espera por Cardoso". O mexicano "Reforma" disse que a festa de vitória "vai ser mais rápida do que tomar um sorvete". E explicou: "Na semana que começa, Cardoso precisa enfrentar a realidade e começar a discutir déficit do orçamento, desemprego e uma temida recessão mais profunda". Em Lima, o "Gestión" disse que o resultado agrada a líderes mundiais e permite manter o rumo da política econômica.

O ministro de Negócios Exteriores do Peru, Gustavo Caillaux, disse que mais importante do que cortes no orçamento é a reação dos mercados financeiros. Jorge Arrate, porta-voz do Governo do Chile, lembrou que FH viveu anos exilado no Chile e disse que a vitória é o triunfo de uma coerência política e o êxito de um grande amigo do país.

Em Cuba, o jornal do Partido Comunista, "Granma", publicou uma análise em que afirmou que o Brasil chegou às eleições atado ao FMI. "A globalização neoliberal despojou as autoridades nacionais do poder de decidir o destino de seus governados, dando este poder a instituições transnacionais e centros financeiros internacionais, que impõem as políticas econômicas e sociais", disse o jornal. ■